

▲ AÇORES E MADEIRA

Verde e virtual: a paisagem económica das ilhas

São bem mais do que banana e bolo do caco, do que chá Gorreana e ananás, mas nem sempre as imagens empresariais da Madeira e dos Açores chegam ao exterior no formato ajustado. **A inovação no mercado tradicional, o turismo e as tecnologias de informação estão a diversificar as economias insulares** Texto Rute Barbedo

• Compra-se porque é feito nos Açores, prova-se porque sabe a Madeira. A identidade é, cada vez mais, um elo de ligação emocional do consumidor às empresas das Regiões Autónomas portuguesas. O selo Marca Açores, por exemplo, foi adotado por 1500 produtos e serviços em dois anos, com o intuito de destacar a qualidade e a autenticidade de um universo reconhecido pelos valores ambientais.

Apesar das dificuldades ditadas pela crise económica mundial e pelo fim das quotas leiteiras na União Europeia em particular, quando o assunto é exportação (e muitos empresários consideram, informalmente, que enviar produtos para o continente é exportar), nos Açores, as áreas mais fortes continuam sob a abóbada do sector primário. As “maiores e melhores oportunidades” são “as fileiras do leite, da carne e, de um modo geral, toda a fileira agrícola, envolvendo os sectores vinícola, frutícola e florícola”, caracteriza a Sociedade de Desenvolvimento Empresarial dos Açores (SDEA). Em Portugal, 31% do leite de vaca e 50% do queijo nacional comercializados são dos Açores.

Mas apenas inovando – e primando pela qualidade – no sector tradicional é possível crescer e contrabalançar os elevados custos de transporte numa economia insular, acreditam os especialistas. Para o Grupo Barcelos, que atua nos sectores da carne e dos laticínios desde a década de 70, a Marca Açores tem contribuído para “o crescimento e o conhecimento junto de novos mercados”, assegura Diana Barcelos. Mas o grupo teve de pensar além disso. Em 2012, criou a Quinta dos Açores e apostou num ângulo emocional. Além das mais de 3500 toneladas de carne tenra produzidas por ano numa associação à imagem do pasto em liberdade (à semelhança do Programa Leite de Vacas Felizes, da Bel Portugal), apostou em gelados que sabem às ilhas Graciosa, de São Miguel, Terceira ou São Jorge, a partir de sabores tradicionais como o Queijo da Ilha com chocolate, maracujá ou queijada Dona Amélia. De 2015 para 2016, a produção cresceu 87%, atingindo 70 toneladas. “Concretizamos um sonho de longos anos: transformar a nossa produção primária em produtos de valor acrescentado”, conta Diana Barcelos, diretora executiva (e filha do fundador do grupo). Para já, 95%



FOTO ANTONIO PEDRO FERREIRA

Biotechnologia Soluções inovadoras podem aumentar o rendimento na produção e transformação em áreas tradicionais, como a agricultura e os laticínios

dos produtos são negociados com o continente português (desde o Grupo Sonae ao Auchan), mas os mercados espanhol, angolano, moçambicano e norte-americano começam a mostrar curiosidade e poderão, em breve, ajudar a aumentar a faturação de 12 milhões de euros do grupo.

“Para nós sempre foi fundamental trabalhar produtos diversificados e diferenciadores, que fossem ao encontro de algumas lacunas de mercado, que não concorressem diretamente com os produtos existentes”, resume a mestre em Ciências Económicas e Empresariais. Mas fatores como a alta competição dentro da União Europeia e a ascensão das chamadas “marcas brancas” não têm facilitado o caminho. “Desde que começámos, não

conhecemos outra realidade que não a da adversidade. Se na altura do arranque desta unidade industrial não tivéssemos outras áreas de negócio consolidadas, certamente não teríamos resistido”, reconhece a responsável.

Dentro deste pensamento, o Grupo Barcelos considera imperativo “inovar e acompanhar as tendências” na área das tecnologias. Em Portugal, foram pioneiros no desenvolvimento de um *skin pack* para a carne fatiada e no tratamento de laticínios com membranas cerâmicas (a filtragem de componentes do soro resulta na esterilização e produção de constituintes com elevado grau de pureza).

Não é high-tech. É bio-tech

Modernizar as áreas tradicionais também pode passar por uma maior interação com as universidades e laboratórios de investigação regionais, defende Duarte ►

► Toubarro, investigador do Centro de Biotecnologia dos Açores. Na agricultura e no mundo lácteo, a biotecnologia tem potencial para aumentar o rendimento dos processos de produção e transformação, pode contribuir para a criação de compostos de valor elevado, diminuir o consumo energético e valorizar os resíduos decorrentes do fabrico. No caso do leite, “será muito importante para a obtenção de produtos com mais valor do que os tradicionais”, já que assistimos a um crescimento do mercado dos alimentos funcionais (sem lactose ou enriquecidos com probióticos ou fitoquímicos, por exemplo), que podem constituir “uma importante alternativa económica para as empresas regionais”. Se o consumo de laticínios tem caído significativamente nos últimos anos, muito devido à divulgação de estudos que põem em causa a sua digestibilidade, o aproveitamento de subprodutos como a lactose e proteínas do soro, com “interesse para a indústria química, alimentar e cosmética, está a merecer grande atenção”, alerta o professor.

Mas não é só ao leite que a biotecnologia se aplica e, na opinião de Duarte Toubarro, “é urgente dar um grande salto na valorização dos produtos açorianos e no incremento da sua competitividade. Transversal a muitas áreas”, poderá ter um papel preponderante na agricultura, na saúde, na cosmética e na economia do mar, contribuindo para a seleção de variedades mais produtivas e resistentes a doenças e pragas; ou para a transformação de biomassa (derivada de algas ou alforrecas) em produtos biológicos. Também no plano vitivinícola, a propagação *in vitro* e a reabilitação de variedades regionais são potencialidades a explorar.

O lado doce da água salgada

Falando de ilhas, a economia do mar não pode ser descurada, nem mesmo pelo governo, que lançou em outubro o programa Aquacultura +, que disponibiliza 78 milhões de euros para financiar novos projetos, reduzindo, ao mesmo tempo, de três anos para três meses o prazo de licenciamento da atividade empresarial no sector. Os objetivos do Ministério do Mar são duplicar até 2020 a percentagem de capturas em Portugal provenientes de aquacultura e triplicar até 2023 a produção de pescado com origem neste

Da cultura à investigação

Ilha a ilha, nos últimos cinco anos, as diferentes micro-economias investiram em segmentos diferenciados, de acordo com o território, posicionamento geográfico, cultura e ligações ao exterior. Talvez o principal vetor em comum seja o pensamento ecológico. O património natural continua a ser um dos maiores valores das regiões autónomas

CORVO

Está a ser construído um novo ecomuseu que envolve a ilha, englobando as casas de lavoura, os fornos, os moinhos, os trilhos e o Museu do Tempo

FLORES

O Canyoning International Meeting Azores convida a descobrir a ilha através dos seus cursos de água com obstáculos

AÇORES

FAIAL

A OceanEye leva os visitantes a conhecer o fundo do mar num barco de vidro fabricado na Rússia

GRACIOSA

A DST investe num novo sistema de energia híbrida, e segundo a empresa o “primeiro no mundo”, para tornar a ilha verde

TERCEIRA

A Asinus Atlânticus exporta leite de burra em pó para a indústria cosmética

PICO

Aumenta o entusiasmo mundial em relação aos vinhos de casta Arinto e Verdelho, produzidos na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, Património da Humanidade da UNESCO

SÃO JORGE

A conserveira Santa Catarina (encerrada entre 1995 e 2009) inova com o atum com batata-doce, sementes de funcho ou óleo biológico, e passa a exportar mais de 50% da produção

SÃO MIGUEL

O primeiro leite certificado de pastagens açorianas é produzido pela Terra Nostra, como parte do Programa Vacas Felizes, da Bel Portugal

MADEIRA

RIBEIRA BRAVA

Miguel Albuquerque anuncia a criação do polo tecnológico Brava Valley, com benefícios fiscais para as empresas

FUNCHAL

A empresa Bordal (fundada em 1962), de bordados tradicionais da Madeira, moderniza o design e inicia vendas online, aumentando as exportações

PORTO SANTO

Através do projeto Smart Fossil Free Island, a ilha será praticamente livre de energias não renováveis até 2020

SANTA MARIA

É criado o Azores International Research Center, vocacionado não só para a investigação como para o desenvolvimento empresarial nas áreas do clima, espaço e oceanos

Desertas

NEGOCIAR

► processo, por se tratar de uma área que “pode ter um contributo muito positivo da balança comercial”, segundo a ministra, Ana Paula Vitorino.

Mas também na água salgada, por menoriza o professor Duarte Toubarro, “é importante implementar novas técnicas de preservação e encontrar marcadores moleculares para as espécies com maior valor comercial”, até porque dois dos grandes desafios para as indústrias ilhéus são a perecibilidade e o custo elevado do transporte via aérea ou marítima. Por isso, enquanto a biotecnologia dá os seus passos, algumas empresas apostam na transformação e em novas formulações do produto final.

A madeirense Ilha Peixe formou-se há 20 anos com o objetivo de contrariar a importação de pescado na Região e em 2004 reagiu à “redução dos stocks naturais de peixe” com a produção de dourada em aquacultura, em jaulas em mar aberto, com um olho no mercado externo. O fundador, José Ornelas, garante que “a Madeira tem a melhor dourada do mundo” e, se a qualidade não é suficiente para se acreditar no negócio, no plano da quantidade a Baía d’Abra demonstra uma capacidade de produção de 500 toneladas de peixe por ano.

Hoje, metade das vendas da Ilha Peixe dá-se fora da Madeira, sendo que 70% a 80% do pescado são transformados em produtos como filetes de peixe-espada congelado, cubos de atum, as famosas lapas madeirenses ou douradas congeladas. O início, contudo, “foi difícil”, admite o empresário. “As pessoas não estavam habituadas a um produto transformado.” Mas a empresa não vacilou na aposta, cresceu para 90 funcionários e 17 milhões de euros de faturação anual e prevê duplicar a produção de dourada num curto prazo. Ao mesmo tempo, o selo de Produto da Madeira será introduzido nos produtos Ilha Peixe, como “uma referência importante” no mercado externo, cujo objetivo é assumir 90% (em vez dos 60% atuais) das transações da empresa.

O peso do turismo

Os Açores foram a região portuguesa cujo número de visitantes mais cresceu nos últimos dois anos. Em 2015, aterraram 1,1 milhões de pessoas nas ilhas e o número



Wide Wide Web Por trabalhar com bens imateriais, a Cybermap tornou a localização geográfica num ponto a favor da produtividade

de dormidas subiu 22,5%, muito devido à entrada das companhias *low cost* no espaço aéreo, que chegaram com bilhetes de ida e volta, a partir do Porto ou de Lisboa, a menos de 50 euros. A ascensão dos Açores como destino favorito no turismo de Natureza mexeu com a hotelaria tradicional – para 2017, deram entrada pedidos de licenciamento para mais 956 camas –, mas também com o comércio, a restauração e os serviços de animação turística. Observar baleias e golfinhos, flutuar num barco com fundo de vidro, aventurar-se nos trilhos pedestres ou mergulhar com tubarões são algumas das ofertas disponí-

veis. Ao mesmo tempo, a comunicação dos Açores como um local de turismo sustentável, ativo e diversificado intensificou-se no estrangeiro e desde 2012 os visitantes dos Estados Unidos e Canadá cresceram 116%, de França, 91%, do Reino Unido, 89%, da Suíça, 84%, e da Alemanha, 70%. Na Madeira, pelo contrário, a tradição turística vem de longe, desde “o investimento inglês no turismo e em diversas indústrias, como os vinhos e os tabacos”, lembra Mário Fortuna, diretor do Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico. Em 2015, o impacto do sector na economia terá representado 30% do VAB (valor acrescentado bruto), 24% do PIB (produto interno bruto) e mais de 15% do total de emprego da Região. E embora o turismo continue a crescer, o ritmo de

construção de alojamentos, que viveu o seu auge nos anos 90 (com o Grupo Pestana sob os holofotes do negócio), acabou por abrandar, obrigando algumas empresas a reinventar-se e a voltarem-se para o exterior.

A FN Hotelaria (especializada em equipamentos para a hotelaria e restauração) terá colaborado com cerca de 90% das unidades hoteleiras erguidas na Madeira nos anos 90. “No caso do Grupo Pestana e outros, foi determinante existir a possibilidade de acompanhar os clientes na sua expansão além-fronteiras”, explica o diretor comercial, João Abel de Freitas. Hoje, o mercado externo representa 85% do portefólio da empresa e inclui Portugal continental, com projetos como a remodelação do Hotel Sheraton Lisboa ou

MADEIRA

256

mil pessoas vivem na Região da Madeira

4,1

mil milhões de euros foi o valor do PIB em 2013

356

alojamentos turísticos existem na Região, que receberam quase dois milhões de hóspedes em 2014

20,8

mil empresas operavam em 2013

47.150

toneladas de batata, 16.174 toneladas de banana, 5825 toneladas de cana-de-açúcar e 4541 toneladas de uva foram as maiores produções agrícolas em 2013

Fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira.

AÇORES

246

mil pessoas vivem nos Açores, mais de metade na ilha de São Miguel

3,7

mil milhões de euros foi o valor do PIB em 2013

27,5

milhões de euros gerados pela pesca em 2014

579

milhões de litros de leite foram entregues nas fábricas açorianas em 2014

163

alojamentos turísticos existiam em 2014 nos Açores, efetivando mais de 1,1 milhões de dormidas

Fonte: Serviço Regional de Estatística dos Açores.

a colaboração com o Mercado Time Out, na Ribeira alfacinha.

“Internacionalmente, a FN Hotelaria continua ligada a marcas como a Holiday Inn, para a qual está a trabalhar na Argélia, ou o Grupo Concorde Hotels & Resorts, para o qual forneceu e instalou os equipamentos de cozinhas, *buffets* e câmaras frigoríficas do Green Park Palace Hotel, na Tunísia”, enumera o gestor. Mas nestes 33 anos não bastou ampliar horizontes geográficos; foi necessário diversificar serviços para aumentar a competitividade. A especialização em soluções de engenharia nas áreas de aquecimento, ventilação e ar condicionado ocuparam a linha central desse percurso e hoje representam 35% da atividade.

Em paralelo, a FN Hotelaria quis trabalhar a imagem da empresa. Em 2014 retomou os concursos de culinária FN Kitchen Team Cup, focando-se na gastronomia madeirense. “Foi uma forma de concretizar, perante o mercado, o nosso posicionamento em termos de diferenciação”, considera o diretor. “Diferenciação” é, aliás, a palavra mais repetida por João Abel de Freitas e talvez a principal responsável pelo “contraciclo [económico] com a realidade vigente do sector”, acredita.

Independentes de combustíveis fósseis

Há pelo menos duas formas de reduzir a dependência do petróleo por parte das ilhas: a aposta nas energias renováveis e o investimento em negócios centrados em bens imateriais. Portugal é o sexto Estado da União Europeia com maior incorporação de energias renováveis, segundo o Relatório do Estado do Ambiente (dados referentes a 2015), e as Regiões Autónomas têm olhado para este segmento com particular atenção. Em 2011, a Madeira assinou o Pacto das Ilhas, comprometendo-se a reduzir as emissões de dióxido de carbono em 20% até 2020 (em comparação aos valores de 2005) e a produzir pelo menos metade da energia necessária a partir de fontes renováveis. Em 2016, gerou os valores mais baixos de que há conhecimento de energia térmica via fóssil e anunciou que Porto Santo irá tornar-se um “laboratório de energias limpas”, através do projeto Smart Fossil Free Island.

Nos Açores avança-se na construção do “primeiro sistema de energia híbrida do mundo”, na ilha Graciosa, segundo ►

► o Grupo DST, que financia o projeto operacionalizado pela empresa alemã Younicos. Mas todo o arquipélago está enquadrado na iniciativa Green Islands, do MIT-Portugal, cujos objetivos passam por preservar o ambiente, aumentar a sustentabilidade regional e diminuir a dependência do petróleo, gás e carvão. Atualmente, a média global de penetração das energias renováveis na rede elétrica açoriana ronda 35%, um número que a Região Autónoma pretende ver aumentado até 57% entre 2020 e 2021, declarou à EXAME Duarte Ponte, presidente do conselho de administração da Energia dos Açores (EDA).

Em abril entrará em funcionamento a nova central geotérmica da ilha Terceira, que também irá receber – juntamente com São Miguel – poços aptos a expandir a ação geotérmica das centrais do Pico Vermelho, da Ribeira Grande e do Pico Alto. A ilha das Flores terá a central hídrica da Ribeira Grande e, em Santa Maria e no Corvo, haverá dois parques fotovoltaicos. As motivações ambientais são as maiores deste investimento de mais de 25 milhões de euros, contudo a EDA admite que a aposta também visa “aumentar valor à empresa e à região”, até porque “a EDA Renováveis é a melhor empresa do grupo em termos de rentabilidade e de resultados”.

Mas será realista imaginar ilhas 100% verdes? Duarte Ponte explica que “nos Açores não é possível exportar energia renovável quando esta é excedentária ou importar a energia renovável quando o consumo excede a produção, como acontece no continente europeu”, o que quer dizer que, enquanto não houver uma forma menos onerosa de armazenar excedentes, “será muito difícil obter 100% de energia renovável na rede em todas as ilhas”. Até 2020, o mais certo será contar com percentagens entre 50% e 85%.

Da app regional à Arábia Saudita

Enquanto as tecnologias e a sociedade avançam no sentido verde, há outras formas de reduzir a dependência dos combustíveis fósseis, como a aposta nas novas tecnologias de informação. A açoriana Cybermap, por exemplo, especializou-se em sistemas de referência geográfica e soluções para a web e conta hoje com parceiros como a Google, a Microsoft ou



Mário Fortuna, diretor do Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico

“AS NOVAS ATIVIDADES NÃO DEVEM DISPENSAR AS TRADICIONAIS”

Seja qual for o rumo das economias insulares, a Natureza surge como uma prioridade, acredita o antigo secretário regional da Economia dos Açores

► Que áreas e projetos são mais promissores nas economias regionais?

► O turismo, em primeiro lugar. Há muito potencial para a internacionalização e negócios a explorar, quer na hotelaria quer noutros serviços, sem descurar a área dos transportes. O estacionamento de um avião da Ryanair em Ponta Delgada é um exemplo de como uma empresa multinacional cria dezenas de postos de trabalho. Trata-se de um investimento de cerca de 100 milhões de euros, com

impactos imediatos no emprego e na economia em geral.

Os transportes marítimos poderão ser também uma oportunidade, e mesmo as pescas e várias sub-áreas da agricultura podem ser de interesse. O pescado do mar terá, obrigatoriamente, de ser muito mais valorizado, porque está a tornar-se um produto cada vez mais raro e a exigir uma abordagem de exploração mais sofisticada e internacional. O mesmo se pode dizer das produções de laticínios e de vinhos.

► As políticas atuais são adequadas ao equilíbrio da balança comercial?

► As exportações devem ser vistas a dois níveis: as que são feitas para países terceiros, um valor residual, e as que são feitas através de Lisboa ou Porto, um valor bastante expressivo. Os portos do continente são os centros logísticos para a saída da generalidade das mercadorias dos Açores e da Madeira. Por esta razão, as estatísticas da exportação não nos dizem muito. Embora se mantenham campanhas de notoriedade e divulgação dos produtos dos Açores em certames internacionais, são os canais continentais que escoam grande parte do que se produz nestas regiões insulares. E não está mal assim, embora se possa imaginar que se poderiam comandar preços mais elevados em venda direta, só que o volume raramente o justifica.

► No continente sobrevive a imagem de que as Regiões Autónomas continuam focadas no mundo rural e tradicional. A comunicação com o exterior deveria ser diferente?

► A pergunta é, ela própria, evidência de que alguma coisa mais pode e deve ser feita para melhorar o conhecimento que o país tem destas duas regiões. Certo é que sendo os Açores e a Madeira muito mais do que mundo rural, a ruralidade está sempre muito próxima, o que é muito bom. Estamos mergulhados numa Natureza intensa, que é negócio.

► Mas estando as ilhas cada vez mais focadas no turismo, qual é o lugar do sector primário?

ESTAMOS MERGULHADOS NUMA NATUREZA INTENSA, QUE É NEGÓCIO.

► As novas atividades não devem dispensar as tradicionais, que, no caso do turismo, dão uma dimensão acrescida à oferta. Vejam-se os contributos do Vinho da Madeira e das levadas e os do chá ou dos laticínios, no caso dos Açores. É preciso, sim, olhar para as atividades tradicionais, não só na sua capacidade de satisfazer necessidades básicas de abastecimento local, como também para contribuir nas vertentes paisagística, histórica e cultural. É comum dizer-se que nos Açores os lavradores são os jardineiros da paisagem. Podemos também focar a investigação científica nestes sectores. É isto, por exemplo, que estará a ser feito com a fixação nos Açores de um centro internacional de investigação vocacionado para o mar.

► Que impacto terá sobre os Açores a possível transformação da Base das Lajes num centro aeroespacial e empresarial?

► A reconversão das infraestruturas da Base das Lajes pode ser uma oportunidade para a abertura de novos negócios na área da logística ou na investigação. Mas neste momento temos infraestruturas e pouco mais. É preciso desenvolver o resto.

a ESRI. Começando pelo mercado regional, viu na Administração Pública os seus principais clientes e é responsável, entre outros serviços, pela aplicação *on-line* para a divulgação dos resultados das eleições regionais. Mas o mercado açoriano é pequeno, reconhece o diretor-geral, Luís Melo, que começa a esticar os braços da virtualidade até à Arábia Saudita ou à Finlândia, antes, até, do continente português, onde “há falta de cultura de parcerias”, ao contrário da visão “muito mais *win-win*” do mercado estrangeiro, considera o engenheiro informático.

Sendo o *e-mail*, o telefone e a videoconferência os principais meios de contacto da empresa, a insularidade sempre apresentou mais atrativos do que obstáculos. Um deles é a qualidade de vida nas ilhas, que contribui para aumentar a produtividade (a Cybermap foi eleita pela EXAME como uma das melhores empresas para trabalhar), acredita Luís Melo. “A maior parte dos colaboradores vai almoçar a casa, pode dar um mergulho no mar, tem tempo para levar e buscar os filhos à creche.” Por outro lado, o menor grau de mobilidade profissional proporciona quadros fixos de colaboradores, o que “permite que a empresa se desenvolva melhor, que haja um melhor acompanhamento dos projetos e, ao mesmo tempo, a qualidade do trabalho aumenta”. Para a Cybermap, a maior dificuldade nestes anos de Açores foi conseguir recursos humanos qualificados, porque “os engenheiros informáticos trabalhavam praticamente todos na Administração Pública ou no ensino e os restantes eram absorvidos pelo mercado continental”.

Quanto ao futuro no arquipélago, Luís Melo vê-o com um pé no turismo. “O que faz sentido para nós é a replicação de alguns projetos em escala, através da criação *spin-offs* que possam comercializar os produtos que desenvolvemos com objetivos específicos, nomeadamente na área do turismo”, refere o engenheiro informático, que acredita que esta viragem para o exterior foi “o melhor que poderia ter acontecido” aos Açores. “Há mais riqueza a todos os níveis.”

Nas nuvens

Também na Madeira o posicionamento geográfico tornou-se um benefício para a ACIN, a empresa âncora do projeto ►

NEGOCIAR

► Brava Valley, o novo polo tecnológico da Ribeira Brava, que Miguel Albuquerque, presidente do Governo Regional, compara ao norte-americano Silicon Valley, e cujo principal atrativo são as vantagens fiscais para as empresas (à semelhança do modelo do Centro Internacional de Negócios da Madeira, criado nos anos 80, que gerou 53% do total da receita de IRC da Região em 2015, de acordo com a Secretaria Regional de Finanças).

A empresa, que abriu em 1999 num espaço de cinco metros quadrados e já tem 150 funcionários, cresce entre 25% e 30% ao ano e estima duplicar a faturação de 10 milhões de euros com a expansão para o mercado internacional. Começou pela comercialização de *hardware*, mas porque o negócio não gerava valor e porque precisavam de se centrar numa área passível de ser trabalhada à distância, apostaram na computação em nuvem. Hoje criam e comercializam soluções iCloud, privilegiando plataformas *open source* (para anular custos de licenciamento) que sejam “obrigatórias”. “Há muitos produtos inovadores, mas depois são tão inovadores que ninguém os usa. O meu conceito de inovação é mais terra a terra, para o cliente usar”, explica Luís de Sousa.

Mas havia um problema: “Num mundo globalizado, com tantas empresas de *software*, que raio de *software* eu ia desenvolver?” A pergunta deste jurista apaixonado pela tecnologia acabou por canalizar a produção para programas de faturação, de contratação pública ou soluções de gestão integrada nas áreas da saúde ou dos transportes. “Revolucionamos o mercado em várias áreas, como a médica, com o iMed [ferramenta que permite desde a marcação de consultas e exames a alertas por mensagem escrita ou prescrição de medicamentos], que é usado por dois em cada três médicos do país. Quando lançámos o sistema, eles podiam usá-lo durante três anos gratuitamente. Chegamos a ter dias com 40 novos médicos como clientes”. Porque “o mercado português começa a esgotar”, admite o madeirense, a ACIN vai abrir em breve uma sucursal em Boston, nos Estados Unidos, de onde trabalhará para países como o Canadá. Não que crescer na Madeira tenha sido mais difícil do que noutra parte do mundo, mas os passos dão-se também fisicamente.



FOTO DIVULGAÇÃO

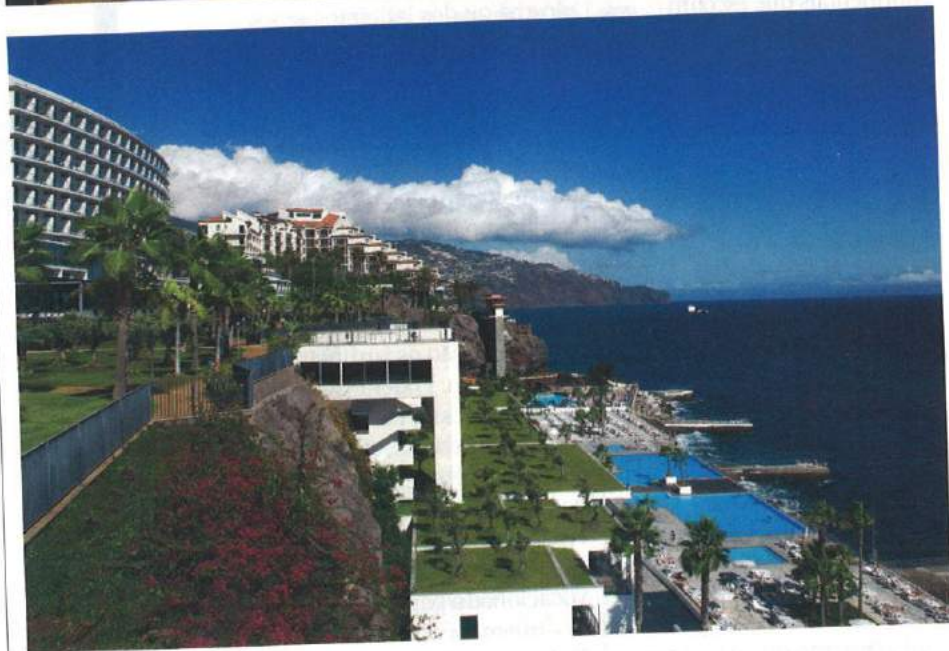


FOTO OCTAVIO PASSOS

Turismo A visita de estrangeiros e portugueses é um clássico na Madeira, mas os Açores são a região que mais tem crescido no plano do turismo

“Vivemos numa economia global e temos concorrentes importantes em todo o lado”, enquadra Luís de Sousa. E se o mundo for como nas previsões do gestor, “daqui a 10 anos vamos ter uma *app* para tudo”, o que tornará o universo da ACIN um negócio da China.

A empresa também desenvolveu produtos como a Acingov ou a iParque (ambas finalistas dos Prémios Inovação NOS em

2016 e 2015, respetivamente). Se inicialmente a iParque – “a primeira aplicação móvel de estacionamento do país”, como destaca Luís Sousa – foi desenhada para melhorar o processo de fiscalização, ao permitir identificar transgressões, mais tarde foi adaptada às necessidades dos condutores. A função *start and stop*, por exemplo, possibilita que os utilizadores paguem exclusivamente o tempo que o automóvel esteve estacionado e pode ser utilizada em várias cidades de Portugal e Espanha. ■